

COIMBRA • 2018

63

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PORQUE DESAPARECEU O *MARGITES*?¹

WHY DID THE *MARGITES* DISAPPEAR?

MIGUEL CARVALHO ABRANTES

MESTRE EM ESTUDOS CLÁSSICOS - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

miguel.r.abrantes@gmail.com

ORCID.ORG/0000-0003-2098-3318

ARTIGO RECEBIDO A 01/10/2017 E APROVADO A 05/02/2018.

Resumo: Recorrendo a testemunhos literários e aos mais recentes fragmentos encontrados em Oxirrincos, este artigo procurará compreender as razões pelas quais o *Margites*, obra de uma enorme importância para Aristóteles, terá perdido o seu valor original, acabado por desaparecer quase completamente do cânone literário ocidental ainda nos primeiros séculos da nossa era.

Palavras-Chave: Aristóteles, *Poética*, *Margites*.

Abstract: Taking advantage of literary testimonies and the most recent fragments found in Oxyrhynchus, this article will seek to understand the reasons why the *Margites*, a work of an enormous importance for Aristotle, lost its original value, ending up disappearing almost completely from the occidental literary canon still in the first centuries of our era.

Keywords: Aristotle, *Poetics*, *Margites*.

¹ Um agradecimento à Professora Maria do Céu Fialho e ao peer anónimo pelas suas opiniões relativas a uma versão preliminar deste artigo.

Por muito que o tentemos evitar, a leitura da *Poética* de Aristóteles tende a conduzir-nos a uma sequência profundamente misteriosa. Referindo-se a Homero, o autor diz-nos que este foi “o primeiro a conceber a estrutura da comédia, não fazendo sátira mas sim dramatizando o ridículo”². Depois, conclui essa ideia apontando que “o *Margites* tem para a comédia um papel análogo ao que têm a *Ilíada* e a *Odisseia* para a tragédia”³. Naturalmente que ainda conhecemos as duas últimas obras, mas a primeira das três – que o filósofo também atribui ao mesmo autor – nunca mais torna a ser referida na *Poética* e é citada uma única vez no corpus aristotélico⁴. Poderíamos facilmente atribuir essa inesperada ausência à perda de muitas das linhas desta obra fundamental da crítica literária da Antiguidade⁵, mas para um poema ao qual parece ser dado um lugar tão cimeiro na cultura grega do século IV a.C. não podemos deixar de estranhar que seja tão pouco referido em outras fontes.

20

De facto, quando, cerca de três séculos mais tarde, Horácio escreveu a sua *Arte Poética* e Quintiliano os seus *Institutos de Oratória*, obras cuja importância na história da crítica literária ocidental rivalizam com a do seu antecessor grego, ambos continuam a dar importância aos dois Poemas Homéricos, mas já não fazem qualquer tipo de referência ao *Margites*. O que se teria passado? Em busca de uma resposta talvez seja importante começar por traçar os principais testemunhos a esta obra perdida.

Ésquines, orador do século IV a.C., informa-nos que Demóstenes chamou “*Margites*” a Alexandre Magno⁶, sendo confirmado pela *Suda*

² Poet. 1448b36-1448b38.

³ Poet. 1448b39-1448b40.

⁴ Cf. Eth. Nic. 6.7. A essa referência voltaremos mais à frente.

⁵ Supomos que tenham sido perdidas, em detrimento de nunca terem sido escritas, pelo facto de existirem fragmentos da *Poética* que são citados por outros autores e que não ocorrem no texto que nos chegou, cf. Janko (1982).

⁶ In Ctes. 3.160.

que esta designação já tinha sido dada a quem fosse *anoetos*⁷. Díon Crisóstomo, no primeiro século da nossa era, afirma-nos que o filósofo Zenão escreveu sobre o *Margites*, acrescentando que essa obra tinha sido “produzida por Homero quando era novo e ainda estava a testar o seu dom para a poesia”⁸. Heféstion, gramático do segundo século da nossa era, faz-lhe uma breve referência no seu *Enchiridon*, dizendo que a obra era “atribuída a Homero” e que continha linhas iâmbicas entre os hexâmetros, “sem um sistema regular”⁹ - um testemunho que nos surge como de especial importância dado o facto de ocorrer numa obra sobre métrica grega. A *Suda*, provavelmente do século X, atribui a criação do *Margites* a um menos conhecido Pigres de Halicarnaso, dizendo-nos, no entanto, que a mesma obra era também “atribuída a Homero”¹⁰. Eustrácio de Niceia, no século XI, escreve no seu comentário à *Ética a Nicómaco* que a singular citação feita por Aristóteles, a que voltaremos mais à frente, tinha por objectivo mostrar “a diferença entre ser absolutamente esperto e esperto em coisas particulares”, e que essa autoria homérica era atestada por Arquíloco, Cratino e Calímaco¹¹.

21

Estes testemunhos permitem-nos estabelecer três elementos importantes sobre o *Margites*. Primeiro, o poema parece ter sido de grande popularidade ainda antes do tempo de Aristóteles e Alexandre Magno, ao ponto de poetas importantes o admirarem¹² e do nome da sua personagem principal se ter tornado sinónimo de alguém que era *anoetos*. Segundo, se Aristóteles dava a autoria deste poema a Homero, essa atribuição não era totalmente consensual, existindo pelo menos uma outra possível autoria. Terceiro, mesmo que se tenha tratado de uma

⁷ Suda mu, 185.

⁸ Or. 53.4.

⁹ Heph. p. 60.1-5.

¹⁰ Suda pi, 1551.

¹¹ Cf. West 2003: 242-243.

¹² Cf. West 2003: 244-245.

obra homérica¹³, a qualidade dos seus versos era muito inferior à da *Ilíada* e da *Odisseia*. Para justificarem essa discrepância, obras como o *Concurso de Homero e Hesíodo* referiam-se a este poema como tendo sido o primeiro de todos os trabalhos de Homero¹⁴. Face a estas evidências podemos então teorizar que a possível fraca qualidade estética do poema, bem como a sua autoria disputada, poderão ter contribuído para o decréscimo da sua popularidade ao longo dos séculos.

No entanto, como explicar que um poema tão importante para Aristóteles não tenha merecido uma única menção, mesmo que breve, por parte de teóricos latinos como Horácio ou Quintiliano? A solução para esse outro problema poderá vir a ser encontrada através da leitura dos breves fragmentos a que ainda temos acesso. O primeiro de todos eles provém da *Ética a Nicómaco*¹⁵, no único passo em que o filósofo grego cita o poema que atribuía a Homero:

22

“Os deuses não fizeram dele um escavador nem um lavrador, nem hábil em nenhuma outra coisa. Era incapaz de todos os trabalhos.”¹⁶

A mesma ideia parece ser mantida numa outra citação da obra, esta provinda do *Segundo Alcibíades*, texto dubiamente atribuído a Platão¹⁷:

“Conhecia muitas coisas, mas conhecia-as mal.”¹⁸

¹³ Não é nosso objectivo discutir a verdadeira autoria do *Margites*, até porque fazê-lo implicaria discutir a difícil Questão Homérica. Suficiente será dizer, em relação a este ponto, que múltiplos autores da Antiguidade lhe associavam essa autoria.

¹⁴ Certamen Hom. et Hes. 2, in Evelyn-White (1914).

¹⁵ Eth. Nic. 6.7.

¹⁶ Fr. 2 (West) = fr. 2A (Bernabé Pajares). Tradução e adaptação do autor.

¹⁷ Alc. II 147b.

¹⁸ Fr. 3 (West) = fr. 3 (Bernabé Pajares).

Existe uma semelhança temática bastante evidente entre as duas citações, mas não podemos ter a certeza de que Pseudo-Platão estivesse a parafrasear a mesma expressão que nos foi preservada na obra de Aristóteles. Igualmente, se não podemos descartar a hipótese de que ambas se referissem, originalmente, a um mesmo passo do poema, pelo menos estes dois fragmentos permitem-nos perceber que o grande defeito da personagem titular era inquestionavelmente a sua ignorância das artes particulares, ao ponto de “não saber nada e não fazer nada”¹⁹. Mas seria ele “absolutamente esperto”, como nos indicava a expressão de Eustrácio de Niceia já citada acima? Não temos ainda provas para o afirmar sem quaisquer dúvidas, mas uma outra citação, famosa ao ponto de se ter tornado provérbio entre os gregos, poderá ajudar-nos:

“A raposa sabe muitos truques e o ouriço um só, mas importante.”²⁰

Supondo que este verso se referia ao próprio herói, seria ele a raposa ou o ouriço? As citações anteriores poderiam levar-nos a argumentar em favor do primeiro, com a ressalva de que o herói parecia conhecer mal todos os seus truques; se, por outro lado, pretendermos equipará-lo ao ouriço, desconhecemos por completo qual seria o seu “importante” truque individual. Em qualquer dos casos, se algumas vezes esta mesma frase é atribuída a este poema, Martin West também nos informa que ela era repetidamente “cited without attribution by Plutarch (...) and various scholia, lexicæ, and paroemiographers”²¹, enquanto que Bernabé Pajares a atribui à obra de provérbios de Zenóbio²², o que nos pode levar à ideia de se tratar de uma frase de sabedoria independente do

¹⁹ Fr. 6 (West) = fr. 6 (Bernabé Pajares).

²⁰ Fr. 5 (West) = fr. 5 (Bernabé Pajares).

²¹ West 2003: 248.

²² Bernabé Pajares 1999: 401.

Margites. Mas mesmo supondo que pertencia (inicialmente) a essa obra potencialmente homérica, a falta de atribuição a um autor concreto pode levar-nos a crer que o seu original já era de difícil acesso no primeiro século da nossa era, razão pela qual Plutarco se lhe referiu da única forma que a conhecia – somente como provérbio²³.

Outros fragmentos apresentam-nos a ideia de que *Margites* era estulto ao ponto de não só não saber quem o tinha dado à luz, mas também se recusar a ter relações sexuais com a própria esposa; esta levou-o a consumir o acto sexual dizendo ao marido que tinha sido atacada por um escorpião e que só podia ser curada mediante penetração com o órgão masculino, fazendo-o consumir o casamento. Este episódio é o único que é mencionado, com mais ou menos detalhes, por vários autores ao longo dos séculos²⁴, mas o seu conteúdo poderá levar-nos à ideia de que a obra continha um conjunto de episódios de carácter abertamente sexual.

Por último, nas últimas décadas foram encontrados três possíveis fragmentos do *Margites* em Oxirrinco. O primeiro deles, de atribuição disputada²⁵, refere dois estratagemas do herói, mas face às lacunas é-nos difícil compreender em que consistiam, apesar de poder ser vista uma menção sexual nas reconstruções feitas por Bernabé Pajares e Martin West²⁶. Não obstante a dificuldade em compreender a totalidade da sequência, devemos frisar que outros autores também concordam que, a confirmar-se que o fragmento pertence a este poema, a obra continha “graphic and downright obscene elements”²⁷. O segundo está demasiado danificado para se poder proceder a uma leitura minimamente informativa²⁸. O terceiro parece mencionar um segundo casamento por

²³ Cf. De soll. an. 971f.

²⁴ Fr. 4 (West) = fr. 4B-4E (Bernabé Pajares).

²⁵ Cf. Davison 1958: 13-14, Bernabé Pajares 1999: 395-396.

²⁶ Fr. 7 (West) = fr. 7 (Bernabé Pajares) = P.Oxy. 2309.

²⁷ Cf. Brill's New Pauly sv. “Margites”.

²⁸ Fr. 8 (West) = P.Oxy. 3963.

parte do herói, este já consumado de sua livre e espontânea vontade²⁹, podendo até tratar-se do final do poema³⁰. Face a estes novos conteúdos, deve tomar-se em conta que no mesmo local também foram encontrados bastantes fragmentos das comédias de Menandro, levando-nos a supor, com alguma margem para dúvidas, que poderá ter existido uma altura em que os conteúdos deste género literário foram vistos como cada vez menos importantes, ao ponto de poderem ser efectivamente deitados fora. Segundo a informação que temos relativa aos fragmentos de todos estes papiros, isso poderá ter acontecido por volta do primeiro e segundo séculos da nossa era.

Mas se os nove fragmentos contidos na edição de Martin West até nos permitem confirmar a ideia aristotélica de que este poema fazia comédia “dramatizando o ridículo”³¹, também acabam por nos demonstrar que os seus conteúdos, potencialmente obscenos, não eram apropriados para todas as audiências e épocas³². Deverá ter sido também essa a razão que contribuiu para a sua perda progressiva, com as referências directas ao seu conteúdo a se tornarem cada vez mais ténues. Se a *Suda* ainda nos relata, inesperadamente, que *Margites* era incapaz de contar além do número cinco, também retém o facto de esta personagem não saber quem o tinha dado à luz e se recusar a ter relações sexuais com a própria esposa³³. João Tzetzes, nas suas *Quíliadas*, menciona esta

²⁹ Fr. 9 (West) = P.Oxy. 3964.

³⁰ Cf. Brill’s New Pauly sv. “Margites”.

³¹ Poet. 1448b38.

³² Sabendo que o *Margites* continha, no mínimo, a referência directa a uma relação sexual, podemos tomar por exemplo o caso de Ovídio, que no seu poema *Remedia Amoris* se refere a esses actos como “coisas que os costumes nos impedem de ver” (Rem. Am. 437-438). As palavras deste poeta latino e a forma indirecta como trata o tema nos seus poemas (cf. Houghton 2009), a que poderíamos até adicionar a objecção moral de Horácio ao carácter libidinoso dos sátiros (cf. Wiseman 1988: 13), dão-nos a supor que seqüências poéticas como esta provavelmente iriam contra os mores maiorum romanos.

³³ *Suda* mu, 187.

mesma ignorância da paternidade mas nada mais³⁴, demonstrando-nos que os autores bizantinos já não tinham qualquer acesso ao poema original, remetendo-se sempre à mesma breve referência temática que os antecedia em vários séculos.

Podemos então concluir que se o *Margites* referido por Aristóteles foi provavelmente um paradigma importante na construção da comédia grega, as evidências aqui reunidas levam-nos a considerar que o seu texto completo dificilmente terá sobrevivido além dos primeiros séculos da nossa era. Depois, mais do que como uma obra literária, o nome de *Margites* continuou vivo através da sua famosa ignorância, cristalizada somente em dois factos – o de não saber quem o deu à luz, e o de desconhecer em que condições deveria ter relações sexuais com a sua própria esposa. Além desses dois episódios, nada sabemos sobre a trama original deste poema um dia atribuído a Homero. A sua autoria disputada e uma qualidade estética inferior (factos de que nos informam as breves linhas do gramático Heféstion), associadas a um conteúdo abertamente sexual que já dificilmente agradaria a todas as audiências, provavelmente terão contribuído para o seu afastamento da posição cimeira que Aristóteles lhe dava na sua *Poética*. Por todas estas razões, mesmo que autores latinos como Horácio e Quintiliano ainda tivessem lido o *Margites* na sua forma completa, dificilmente poderiam continuar a aceitar a sua forma poética ou os seus conteúdos como um bom exemplo para os seus leitores.

26

BIBLIOGRAFIA

- Adams, C. D. (1919), *The speeches of Aeschines*. London. Harvard University Press.
- Bernabé Pajares, A. (1999²), *Fragmentos de Épica Griega Arcaica*. Madrid. Editorial Gredos.

³⁴ Chil. 4.867-4.871, 6.595-6.599.

- Cherniss, H., Helmbold, W. C. (1957), *Plutarch, Moralia, volume XII*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Consbruch, M. (1906), *Hephaestionis Enchiridon*. Leipzig: B. G. Teubner.
- Crosby, H. L. (1946), *Dio Chrysostom IV*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Davison, J. A. (1958), *Oxyrhynchus Papyrus 2309*, in “The Classical Review, New Series”, Vol. 8 No. 1 (Mar.), pp. 13-14. London: The Classical Association.
- Evelyn-White, H. G. (1914), *Hesiod, the Homeric Hymns and Homeric*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Glei, R. F. (2006), *Margites*, in “Brill’s New Pauly, Antiquity volumes”. Edição Online: http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e723440 [acesso 1-2-2018].
- Houghton, L. B. T. (2009), *Sexual Puns in Ovid’s “Ars” and “Remedia”*, in “The Classical Quarterly, New Series”, Vol. 59 No. 1, pp. 280-285. London: Cambridge University Press.
- Janko, R. (1982), *A Fragment of Aristotle’s Poetics from Porphyry, concerning Synonymy*, in “The Classical Quarterly”, Vol. 32 No. 2, pp. 323-326. London: Cambridge University Press.
- Lamb, W. R. M. (1927), *Plato. Charmides. Alcibiades I and II. Hipparchus. The Lovers. Theages. Minos. Epinomis*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Mozley, J. H. (1929), *Ovid. The Art of Love and Other Poems*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Rackham, H. (1926), *Aristotle. Nicomachean Ethics*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.
- Site “Suda On Line”, <http://www.stoa.org/sol/> [acesso 1-2-2018].
- Untila, A., Berkowitz, G., Ramiotis, K. et. al. (2016), *Chiliades or Book of Histories by John Tzetzes*. Edição online: <https://archive.org/details/TzetzesCHILIADES> [acesso 1-2-2018].
- Valente, A. M. (2008), *Poética, Aristóteles*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- West, M. L. (2003), *Homeric Hymns. Homeric Apocrypha. Lives of Homer*. Cambridge, Mass: Loeb Classical Library.

Wiseman, T. P. (1988), *Satyrs in Rome? The Background to Horace's Ars Poetica*, in "The Journal of Roman Studies", Vol. 78, pp. 1-13. London: Society for the Promotion of Roman Studies.